

POLÍTICA

Guerra ao terror?

EX-DETENTO DE **PRISÃO SECRETA** DOS EUA PASSOU MAIS DE UM ANO SEM SABER ONDE ESTAVA

Em outubro de 2003 o iemenita Mohamed Bashmilah foi detido na Jordânia, pois em seu passaporte recém-emitido faltava um carimbo da Indonésia, onde vivia. O problema burocrático virou um pesadelo. Interrogado e torturado, assinou sem ler o seu depoimento à polícia. O documento provavelmente continha falsas evidências de terrorismo, pois Bashmilah foi entregue a agentes americanos, enviado a Cabul (Afeganistão) e posteriormente a um presídio desconhecido. Por 19 meses passou por interrogatórios e abusos psicológicos, como música ensurdecadora, privação de sono e isolamento. Desesperado, tentou o suicídio. Um dia, foi solto sem explicações. Bashmilah perdeu sua companhia de importação e exportação na Indonésia e hoje trabalha como motorista de táxi no Iêmen. O caso trouxe de volta à mídia americana os “black sites”, prisões secretas do governo americano.

O empresário foi alvo de uma “rendição extraordinária”, a transferência de prisioneiros sem bases judiciais. A Clínica Internacional de Direitos Humanos, da Universidade de Nova York, está processando a Jeppesen, empresa de logística ligada à Boeing, sob acusação de facilitar vôos secretos da agência americana de inteligência CIA, como os que transportaram Bashmilah.

O governo americano é nebuloso: diz que “não confirma, nem nega” que teve o iemenita sob custódia. “Mas testemunhas, documentos e informações sobre táticas de atuação apontam para a participação da CIA”, diz Margaret Satterthwaite, uma de suas advogadas. “Os EUA não conduzem tortura. O objetivo das rendições é deter terroristas obedecendo a leis e tratados”, disse George Little, o porta-voz da agência, a **GALILEU**. Mas procedimentos relatados por ex-prisioneiros transgridem acordos internacionais sobre direitos humanos.

“Os abusos ganharam suporte legal em 2002”, diz Tara McKelvey, pesquisadora do assunto. Ela cita o “memorando da tortura”, do Departamento de Justiça dos EUA, que diz que apenas atos que inflijam dor e sofrimento severos, mental ou físico, são proibidos aos presos. Mas quem define os limites?

“A maioria da população ignora esses casos”, lamenta a jornalista indiana Asra Nomani. Junto com estudantes da Universidade de Washington, ela investiga o assassinato de seu amigo e repórter americano Daniel Pearl, seqüestrado no Paquistão em 2001 pela Al Qaeda. O governo americano atribuiu a autoria do crime a Khalid Sheikh Mohammed, mentor do 11 de Setembro, mas não mostra provas. “Queremos a verdade”, diz. **(JULIANA TIRABOSCHI)**

19 MESES NO INFERNO

Saiba como era a vida de Mohamed Bashmilah na prisão de Cabul

GUARDAS

Mantêm Mohamed sem dormir por longos períodos, obrigando-o a levantar os braços a cada meia hora para provar que estava acordado

REFEIÇÕES

Consistiam de arroz, batata, carne, tomate e azeitonas

CÂMERA

Ligada 24hs, vigiava todos os seus movimentos

OBJETOS

A cela continha apenas um colchão, um cobertor e um balde para as necessidades fisiológicas, que era limpo uma vez ao dia

JANELA

Pela abertura próxima ao teto tocava rap e música árabe em volume ensurdecador

PRESO

Alargas nos tornozelos mantêm Mohamed acorrentado à parede



VÁ FUNDO

PARA LER

- “Monsterring: Inside America’s Policy of Secret Interrogations and Torture in the Terror War”, Tara McKelvey. Carroll & Graf. 2007

PARA NAVEGAR

- www.galileu.globo.com